as demonstrações de bestialidade, inclusive para a população pobre da região, toda ela sob suspeita de colaboração com a guerrilha, atingiram os limites da brutalidade e violência; os camponeses foram torturados em campos de concentração improvisados, as maquininhas de choque levadas para os locais de tortura; velhos, mulheres, a Repressão não poupou ninguém.

Pedro Pomar nasceu no Pará, na cidade de Óbidos, em 23 de Setembro de 1913. Filho de uma mulher que precisou arcar com a educação e sustento de três filhos: Pedro, Roman e Eduardo. Seu marido, Felipe Pomar, um pintor peruano, exilado aprista *, que chegara às margens do Amazonas. Depois de uma viagem aos Estados Unidos em 1918, separa-se de D. Rosa de Araújo, mãe de meu amigo, que contava, então, com cinco anos de idade. A vida desta mulher foi uma longa história de sacrifícios. O avô materno de Pomar era um subtenente transferido para o Batalhão de Artilharia; seu avô, o velho Araújo, e sua mãe eram do Maranhão. Esse avô teria uma influência muito grande sobre sua vida, principalmente nas questões morais e de comportamento; o velho dizia que sentia desde cedo a honestidade do neto e falava-lhe do sofrimento dos brasileiros internados nas matas, da vida sofrida dos seringueiros, dos camponeses sem terra. Tudo isso iria marcar o menino Pomar.

Saiu de Óbidos aos dez anos, para ir morar com pessoas amigas em Belém do Pará, onde inicia seus estudos no

* APRISTA — Adepto ou Militante do Aprismo — Partido de Haya Delatorre/Político Peruano. APRA — (Partido Internacional Revolucionário Anti-imperialista).

Instituto Nazaret, dos irmãos maristas; depois, no Gymnasio Paraense, hoje Ginásio Paes de Carvalho. Muito jovem consegue entrar para a Faculdade de Medicina em Belém, onde cursaria até o terceiro ano.

Em Dezembro de 1935 casa-se com Catarina Patrocínia Torres e, não tendo a aprovação da mãe da companheira, casam somente no civil; ele já era conhecido em Belém por suas atividades nos meios estudantis. O casal teve quatro filhos: Wladimir, Eduardo, Joram e Carlos. Pomar estava no cárcere quando nasceu seu primeiro filho.

Participou ativamente dos movimentos, das lutas do povo paraense. Em 1932, já era revolucionário ativo, estava nas trincheiras, atrás de barricadas, armado de fuzil. A cidade de Belém acordaria com uma bandeira vermelha colocada no alto do reservatório de água Paes de Carvalho; devido à altura, bombeiros foram chamados para removerem a bandeira com a inscrição: "Abaixo a pena de morte! Aliança Nacional Libertadora". Com inúmeras prisões no seu Estado não havia mais condições de ali permanecer — seguiria para o país a fora. Entre suas fugas mais espetaculares temos a da Cadeia São José, conhecida masmorra da cidade, onde teve a participação de sua companheira; conseguem fazer dormir toda a guarda, pois um médico na cidade, amigo de Pomar avia uma receita de plantas narcotizantes; ele e seu companheiro João Amazonas fogem do presídio fazendo uma das mais espetaculares fugas, por rios e cachoeiras, pelas estradas, em caminhões e jangadas improvisadas acionadas por varas. Conseguem, depois de quarenta e oito dias, chegar ao Rio de Janeiro. Pomar e Catarina passaram privações horríveis em Belém, cercados e acuados pela Polícia; chegaram a passar um mês sem alimentação sólida. Os jornais da época documentaram uma

de suas prisões: "Quando Pomar ou Wandick (codinome) se dispunha a sair, dois canos de revólveres sustentados por mãos vigorosas lhe são apontados ao peito. O jovem extremista sorri. Um sorriso expressivo que sintetiza o seu espírito algo misterioso. Como já sabemos, trata-se de Pedro Araújo Pomar. É ele sobejamente conhecido pelo seu espírito de rebeldia. Adepto do credo vermelho, fez-se dele verdadeiro apaixonado, sacrificando seus estudos e sua mocidade. Esteve por várias vezes preso nesta capital. Solto, desapareceu" (Publicado na "Folha do Norte" de 03/09/1940).

Por toda sua vida Pomar teve a seu lado sua companheira Catarina. Quando ele ficou na União Soviética por dois anos estudando; na clandestinidade e durante as prisões estiveram separados — ela aguardou a anistia nos anos quarenta para recompor a família; os filhos sofreram as separações, como os pais. Tudo isso faria com que respondessem como pessoas firmes e resolutas. Em 1942 Catarina deixa Belém num Ita, o navio cargueiro Itapé, durante a segunda guerra mundial. A viagem pela costa é feita às escuras, os submarinos alemães bombardeavam os navios brasileiros; era a marinha nazista. Encontrar-se-ia com o companheiro no Rio de Janeiro; a viagem lhe custa muitos sofrimentos, uma das crianças caíra de um beliche durante a escuridão, machucando-se gravemente. Pomar iniciaria, então, sua vida no Rio, trabalharia até como pintor de paredes no Cine Politeama, no largo do Machado.

Em 1945, com o término da guerra, começa a projetar-se nacionalmente; em 1943 destacara-se na Comissão Nacional Provisória, conhecida como "Conferência da Mantiqueira"; eleito com mais de cem mil votos como deputado federal sob a legenda do P.S.P., juntamente com Diógenes

Arruda Câmara e com o pintor Cândido Portinari. Teve uma atuação importante na Câmara, fez parte da Comissão de Cultura do Partido, convivendo com figuras da literatura, arte e arquitetura, praticamente com todas as mais proeminentes. Foi amigo de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Pancetti, Di Cavalcanti, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Carlos Drumond de Andrade, Oscar Niemeyer entre outros. Internacionalmente, uma grande amizade com o poeta chileno Pablo Neruda. Dos líderes mundiais, durante as viagens, outras duradouras como com Mao Tsé-Tung e Chu En Lai na China, Enver Hodja na Albânia, Fidel Castro e Che Guevara. Dirigiu os jornais e colaborou na "Tribuna Popular", "Imprensa Popular", "Notícias de Hoje", sendo redator do jornal do Partido — "A Classe Operária". Chefiou várias delegações ao exterior, no México, Polônia, China, Cuba e Romênia. Pomar conhecia o país inteiro, Estados e Territórios. Viajara pelo mundo inteiro, desenvolveu intensa atividade como revolucionário durante quarenta anos.

Esteve no PCB até 1962 sendo que depois reorganizou o Partido Comunista do Brasil. Conhecia a fundo a realidade brasileira, não aceitara a posição de Prestes, nem o desenvolvimento da teoria do "foquismo" — da guerrilha urbana. Foi um crítico da Guerrilha do Araguaia pela forma de luta desenvolvida, um "foquismo disfarçado"; era por uma luta dura e prolongada pois segundo suas palavras, não nos libertaríamos sem o sacrifício de gerações.

Morreria chacinado no episódio da Lapa em 16 de Dezembro de 1976, quando o Partido se reunira para debater e fazer um avaliação da luta no Araguaia. Deixou seu relatório que servirá para as futuras gerações. Seus ensinamentos, sua experiência, o levarão sem dúvida alguma a ser o "Sandino Brasileiro".

Pomar era alto, magro e calvo. Comia frugalmente, não fumava, não bebia, tinha uma postura e um andar inconfundíveis; calmo, corpo ereto. Vestia-se com roupas simples, sempre limpas e bem passadas, apesar de serem antigas. Podia-se observar que as roupas não eram dele, eram ajustadas, muitas vezes doadas por amigos ou simpatizantes. Usava óculos só para ler de perto.

Era afetuoso; sua humanidade transpirava nos seus olhos, nos seus modos, sua preocupação pelos que o rodeavam. Tinha um apreço especial pelas crianças, gravava seus nomes trazendo sempre uma recordação a elas, mesmo que fosse a mais simples. Em seu rosto expressivo podia-se ver com exatidão o que ele estava sentindo. Sorria muito, um bom humor permanente. Escutava muito e, quando interrompia, suas indagações eram de sabedoria. Era rigoroso nas questões de comportamento e moral, sua memória, privilegiada. Podia lembrar-se de acontecimentos e de pessoas nos tempos e lugares mais remotos. Não se colocava como personagem principal de nada, não perdoava a vaidade, achava que devíamos aprender pelos erros, pois nada melhor que a própria vida para mostrar os caminhos. Acreditava na recuperação de todos, desde o momento em que aceitamos a verdade. Era rigoroso na crítica e suave nas medidas. Com sua modéstia, sua simplicidade, nunca se achou dono da verdade. Não dirigia automóveis, andava a pé ou de ônibus, dispensando esquemas de segurança. Em seus gestos amáveis, sentia uma ternura muito grande pelas pessoas, uma grande compaixão pelos mais fracos. Dizia que tínhamos que aprender, não para nós, mas para os outros e que a grande sabedoria estava no povo, os grandes professores eram os pobres, dizia.

Pomar vivera e aproveitara utilmente o tempo de sua vida; tinha deixado a medicina segundo ele, quando percebeu que o problema do povo não era apenas de saúde,

mas político. Não tinha apego a nada de material; viveu pobremente, uma vida estóica, quase sempre na clandestinidade. Prevenira familiares que, no caso de sua morte por qualquer motivo, os mesmos deveriam deixar seu corpo em qualquer beira de estrada; temia que sua identificação, problemas de documentação, pudessem dar pistas à Repressão. Pregou a libertação do povo brasileiro por uma senda estreita e dura; não acreditava em soluções de conciliação com as classes dominantes — caminhávamos para uma luta vindoura com um aprendizado de sacrifícios e, talvez sangrento. No futuro não teria lugar para manobras, nos estertores do capitalismo a luta se aguçaria de forma violenta. Não haveria libertação sem caminhada dura e prolongada.

Biografia do Pedro Pomar
por Reynaldo Rapagia
Do livro: "Dezembro Sangrento
A chacina da Lapa"
Editora Pontes - 1988
Campinas - SP

A biografia de um revolucionário não pode ficar presa dentro de um curriculum; entrou para a organização no ano tal, fez parte de tal e tal, morreu no dia tal. O revolucionário é aquilo de melhor que a natureza criou; passaram-se milhões de anos para que surgisse um Lenin, um Guevara, um Ho Chi Minh! Estes homens não perderiam dentro de si a ternura, como disse Che. Lenin era organizado, disciplinado, inteligência brilhante; Guevara, introspectivo, calado, mas suas ações mostravam o homem indignado, um profundo amor pela humanidade; o velho Ho Chi Minh, um poeta, asceta, um monge libertário. O lado humano de um revolucionário é mais importante que tudo. "Meu povo precisa de arroz como de poesia" — dizia Ho.

Pomar nunca quis aparecer, chamar a atenção sobre si. Sabia que o importante era a participação, a ajuda num processo; combatia o personalismo, a vaidade. Deixou frases, escritos que desapareceram durante a Repressão. Pouco se sabe sobre ele. Vamos sabendo coisas através dos outros, os que conviveram; uma coisa aqui, um acontecimento ali. Certo dia, num jantar de aniversário de uma sociedade amigos de bairro, no Tatuapé, sento-me ao lado de um industrial, sabendo-me amigo do velho revolucionário pergunta-me: "E o teu amigo?" Eles haviam sido vizinhos na rua Ibicaba, a